

Editorial

Ezequiel: O profeta e sua obra

Ezekiel: The prophet and his work

Heitor Carlos Santos Utrini

Descrever o momento histórico no qual se desenrola a profecia de Ezequiel é como mergulhar em um mar agitado. No final do séc. VII a.C. e na primeira metade do séc. VI a.C., Babilônia devastava as nações vizinhas e as submetia ao seu pesado jugo. A partir de 605 a.C. Judá estava debaixo da pesada mão de Nabucodonosor. Contudo, depois que a Babilônia foi forçada a recuar em sua investida contra o Egito em 601 a.C., o rei Joaquim se rebelou, deixando de pagar o devido tributo. Essa insubordinação custará caro aos israelitas.

Neste meio tempo, Joaquim morre e lhe sucede no trono seu filho Joaquin. É ele quem verá Jerusalém ser invadida pelas tropas de Nabucodonosor. Mas por ter-se rendido sem oferecer nenhum tipo de resistência à Babilônia, a cidade foi poupada da destruição. Apesar disso, os tesouros do palácio e do Templo foram saqueados e a elite da população, incluindo o rei e sua família, foram deportados para a Babilônia. Era o ano 598/7 a.C. e na primeira leva de deportados, provavelmente se encontrava o jovem Ezequiel.

Os anos seguintes não serão mais calmos na terra de Israel. Sedecias, que fora colocado no trono por Nabucodonosor, pouco tempo depois também decide se rebelar contra a Babilônia, apesar de ter sido orientado por Jeremias a não fazê-lo. Em 586 a.C., depois de um período de sítio à cidade, finalmente as forças babilônicas conseguem fazer uma brecha na muralha e destroem Jerusalém. O palácio, as casas e o Templo foram incendiados, os muros

completamente destruídos e a população teve de enfrentar um novo desterro¹. “Eis que a desgraça chegou, uma desgraça sem igual. Chegou o fim, chegou o fim” (Ez 7,5-6a). É com essas palavras que Ezequiel fala da destruição da cidade e do sofrimento dos jerosolimitanos. Embora estivesse no exílio, o profeta acompanha com dor esses acontecimentos fatídicos.

Ezequiel viveu na Babilônia e exerceu sua atividade profética de 593 a.C. até a aproximadamente 571 a.C. Provinha de família sacerdotal e, em virtude disso, recebeu uma sólida educação e formação religiosa. No exílio, tendo de enfrentar uma profunda crise de fé pela qual o povo passava devido à perda da terra, do Templo e da liberdade, recebeu seu chamado profético, quando tinha por volta de 30 anos de idade.

Durante o desterro na Babilônia, o povo de Israel precisou repensar e reconstruir a sua fé em YHWH e sua própria identidade nacional. Afinal de contas, como entender aquele momento de dor? Deus teria abandonado suas promessas e sua aliança com o povo eleito? Não teria ele tido poder o bastante para impedir que sua própria Casa fosse destruída por Nabucodonosor? Ademais, o que esperar do futuro? Haveria alguma possibilidade de restauração para Israel?

A mensagem do profeta procura responder a todas essas perguntas fundamentais e exerceu um grande impacto na piedade israelita. O exílio e a destruição de Jerusalém foram fatos traumáticos que não podem ser menosprezados. Entretanto, a responsabilidade pelo acontecimento não é de Deus. Não foi ele quem abandonou a aliança, esquecendo-se de suas promessas. Antes, foi o próprio povo de Israel que, devido às suas contínuas infidelidades, atraiu sobre si a ruína. Ezequiel convidou o povo a reconhecer o desvelo contínuo de Deus através da história (Ez 16,1-14). Todavia, apesar das inúmeras provas de amor, Israel foi atrás de outros deuses, esquecendo-se do Senhor (Ez 16,15-34). Os líderes de Judá – anciãos, falsos profetas, sacerdotes – foram os primeiros a abandonar o pacto firmado com o Deus (Ez 8,10-12; 13,1-23; 34,1-31). Dessa forma, o exílio é a desgraça que o próprio povo atraiu sobre si, pois o dom da terra fora concedido mediante a observância dos estatutos da Aliança (Dt 29,21-28). O castigo não é infligido de maneira indiscriminada, como se aquela geração estivesse a pagar pelos crimes

¹ Para maiores aprofundamentos sobre o exílio babilônico, vide DONNER, H. História de Israel e dos Povos Vizinhos, vol. 2, p. 409-442.

cometidos pelos antepassados. Ao contrário, o profeta assinala a responsabilidade de cada um (Ez 18,1-32), o que reforça ainda mais o sentido da justiça divina.

A própria concepção de Deus foi profundamente moldada a partir das experiências do profeta. Um termo que vai se repetindo como uma litania ao longo da obra é o da santidade de Deus. O Deus Santo quer ser adorado e servido por um povo igualmente santo. Nesse sentido, a destruição do santuário não ocorreu por fraqueza de YHWH. Antes, era o próprio povo de Israel que tinha profanado o nome do Senhor e seu lugar santo por meio da idolatria (Ez 6,1-7). Por isso, a glória do Senhor abandona Jerusalém antes da destruição da cidade (Ez 11,22-23).

Acredita-se que o núcleo principal de Ezequiel provenha do período exílico. Há exegetas, porém, que postulam alguns acréscimos em períodos posteriores, mas quanto a essa matéria não existe consenso entre os autores. Normalmente, os oráculos do Livro de Ezequiel são estruturados em três seções principais:

a) Ez 1–24: Oráculos de juízo contra Israel. Esse material é anterior à queda de Jerusalém e do desterro dos cidadãos;

b) Ez 25–32: Oráculos de juízo contra as nações pagãs, dentre as quais Amon, Moab, Edom, Filisteia, Tiro, Sidônia e Egito;

c) Ez 33–48: Promessas de restauração para Israel.

Como é costume acontecer em escritos proféticos, depois da denúncia dos pecados e das punições deles decorrentes, encontra-se, na última parte de Ezequiel, uma série de oráculos de salvação. No final das contas, o livro termina com uma perspectiva de futuro assaz positiva. Se o povo se arrepender, comprometendo-se a observar os estatutos da Aliança, Deus lhe dará um coração novo e há de purificá-lo das imundícies (Ez 36,26-29). A cidade de Jerusalém e o Templo serão reconstruídos (Ez 40,1–48,35) e a cidade será chamada de “YHWH está ali” (Ez 48,35b).

Embora o nome de Ezequiel não compareça nenhuma vez nos escritos do NT, ele é um dos autores que mais influenciou os escritores neotestamentários. Como desconsiderar o pano de fundo de Ez 34 ao ler a alegoria do Bom Pastor em Jo 10? O Apocalipse está repleto de imagens

retiradas de Ezequiel², bem como o tema do “novo coração” também comparece em 2Cor 5,17 e Ef 2,3.

Este é um livro que serviu de instrumento para fortalecer a fé de um povo abatido pelos sofrimentos. Além disso, através dele inúmeras gerações de cristãos encontraram alimento para perseverarem na fé e na busca de Deus. Gregório Magno, em uma de suas célebres homilias, afirma que quando o profeta viu o rosto de Deus, imediatamente caiu com a face por terra. Acerca de nossa situação, afirma que “uma vez que não podemos ver a imagem da glória do Senhor através do espírito de profecia, devemos conhecê-la assiduamente e contemplá-la cuidadosamente na Sagrada Escritura, nas advertências celestiais, nos preceitos espirituais”³. É isso que desejamos a todos os leitores de ReBiblica: que através das páginas de Ezequiel sejamos capazes de contemplar a face do Deus Santo de Israel.

Referências Bibliográficas

DONNER, H. **História de Israel e dos Povos Vizinhos**, vol. 2 (Da época da divisão do Reino até Alexandre Magno). São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1997.

MOYISE, S. **The Old Testament in the Book of Revelation**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1995.

GREGORIO MAGNO, **Omèlie su Ezechiele**, Libro Primo. Roma: Città Nuova, 1979

² Mara maiores aprofundamentos consultar a obra de MOYISE, S. *The Old Testament in the Book of Revelation*, p. 64-84.

³ GREGORIO MAGNO, *Omèlie su Ezechiele*, p. 175.



ISSN 2596-2922

DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2024v5n9e01

Heitor Carlos Santos Utrini

Doutor em Teologia Bíblica pela Pont. Univ. S. Tomás de Aquino –
“Angelicum” (Roma)

Docente do Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUC-Rio

Editor-Chefe de ReBiblica

Rio de Janeiro/RJ – Brasil

Email: hcsutrini@puc-rio.br